

## O SE FAZER PROFESSORA: EXPERIÊNCIAS CONTADAS EM RESPOSTA À CARTA DE PAULO FREIRE

Fernanda Marques da Silva<sup>1</sup>

Querido Paulo Freire,

Ler sua carta, cujo título é “Vim fazer o curso do magistério porque não tive outra possibilidade”<sup>2</sup>, me fez refletir muito sobre minha trajetória de formação. Antes de lhe contar um pouco dela, gostaria de te relatar que, infelizmente, ainda hoje, no ano de 2022, é comum escutar de estudantes de licenciaturas esta mesma frase. Antes de adentrarmos nos desafios atuais, gostaria de lhe contar um pouco sobre mim e minha trajetória acadêmica.

Meu nome é Fernanda, sou pedagoga formada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV) há oito anos. Hoje, atuo como professora de primeiro ano do Ensino Fundamental, na rede municipal da cidade de Ponte Nova, MG, e sou mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFV.

Sobre minha trajetória escolar, pouco me recordo dos anos iniciais. Lembro vagamente de algumas professoras, cujo amor ou desinteresse pela profissão me marcou. Das poucas recordações que tenho, recordo-me de poucas professoras que me afetaram durante a trajetória no Ensino Fundamental.

Relembrando minha trajetória escolar, me faz ter mais certeza ainda de sua afirmação de que a prática educativa é algo muito sério, pois lidamos com gente, com crianças, adolescentes ou adultos e ao participar da formação de tais, nós, como educadores, podemos ajudá-los ou prejudicá-los (FREIRE, 1997).

Sobre as recordações, uma delas foi a de minha professora no primeiro ano do ensino fundamental, em uma escola pública de uma cidade bem pequena do interior de Minas Gerais. Ela me marcou pelo seu posicionamento firme, porém amoroso. Estudante de escola pública, eu e meus amigos tínhamos uma realidade parecida e esta professora nos proporcionou, além da aprendizagem significativa, uma linda festa de encerramento do ano letivo, na qual nos levou para sua casa. Lembro que era uma casa grande, que chamava bastante atenção na cidade e que possuía uma linda e grande piscina. Por se tratar de algo distante da realidade de muitos alunos, acredito que este fato ficou marcado, não somente na minha vida, mas de muitos alunos que estudaram com ela.

Por ser filha de militar, as mudanças de cidade eram frequentes e, ao ingressar no terceiro ano – correspondente ao quarto ano hoje – tive que me mudar de cidade. Lá, obtive outras experiências e tive outra professora.

Naquela época era comum separar as turmas por desempenho, ficando os alunos de melhor desempenho em salas com a letra A, seguindo assim até a letra D. Nesta última sala eram separados os alunos tidos como mais indisciplinados e de piores notas. Ao entrar nessa escola, fui inserida no terceiro ano C. Lembro que a professora dessa turma já quase se

---

<sup>1</sup> Pedagoga, formada pela Universidade Federal de Viçosa (UFV). Mestranda em Educação pela referida universidade e professora efetiva da Rede Municipal de Ensino da cidade de Ponte Nova, Minas Gerais.

<sup>2</sup> FREIRE, Paulo. Terceira Carta: “Vim fazer magistério porque não tive outra possibilidade”. In: FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora Olho d' Água, 1997.p. 32-36.

aposentando, mostrava total desinteresse com a aprendizagem dos alunos. A aula era marcada por brigas e indisciplina. Ficar alguns dias nessa sala me afetou profundamente, por sentir a forma como eu e os outros alunos éramos desacreditados, vistos como estudantes que “não teriam um futuro”.

Relembrando os dias que passei nesta sala, reflito sobre o como é importante acreditar no potencial dos alunos, pois os mesmos, já inseridos em uma realidade que talvez fosse dura e com grandes dificuldades, queriam apenas ser vistos, notados, por aquela professora. Estas lembranças me fazem refletir sobre a importância de se desenvolver a prática educativa como algo sério, pois ela lida com o futuro de crianças, jovens ou adultos. Penso, também, como o desinteresse de alguns professores ao lecionarem pode acarretar em fracasso de milhares de alunos, que se veem desacreditados em seu potencial. O senhor foi muito sábio ao compartilhar seu pensamento de que:

Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento. Podemos concorrer com nossa incompetência, má preparação, irresponsabilidade, para o seu fracasso. Mas podemos, também, com nossa responsabilidade, preparo científico e gosto do ensino, com nossa seriedade e testemunho de luta contra as injustiças, contribuir para que os educandos vão se tornando presenças marcantes no mundo (FREIRE, 1997 p. 32).

Logo depois fui remanejada para o terceiro ano A, no qual a dinâmica das aulas era bem diferente. A professora era incentivadora, buscava meios para tornar as aulas atrativas e demonstrava gosto pelo ato de ensinar.

No quarto ano do Ensino Fundamental (correspondente ao quinto ano do ensino fundamental, atualmente), me deparei com uma professora amorosa, brincalhona e que me marcou significativamente. Acredito que, pelo amor que ela transmitia ao lecionar, por meio do seu modo de ensinar, pensei, pela primeira vez, em ser professora do Ensino Fundamental.

Assim, prossegui meus estudos, na rede estadual de ensino, contando com diversos tipos de profissionais, desde os que amavam o magistério aos que já eram desacreditados quanto à educação e a profissão, seja pela pouca valorização ou pela situação precária do ensino e das escolas.

Lembro-me que era comum ter professoras como as que você citou em sua carta, que diziam que aquela profissão foi a única oportunidade que tiveram, por se tratar de uma graduação com valor mais acessível, por sua vasta área de atuação, mas que não se viam felizes exercendo-a ou que era algo temporário, até conseguirem algo “melhor”. Havia também aquelas que diziam que era uma profissão para mulheres, por ali conseguirem conciliar a vida doméstica, de cuidados com a casa e filhos e a profissão.

E, então querido Freire, como me tornei professora? Ainda no início do Ensino Médio, ano de 2007, meu objetivo era me formar em Direito, pois o curso de Pedagogia não fazia parte das opções de cursos superiores que eu desejava cursar. Porém, no ano de 2008, com um intenso contato com uma pessoa formada em Pedagogia, o curso passou a se tornar uma opção de formação após a conclusão do Ensino Médio, pois apesar da pouca valorização, apresentava maiores possibilidades de atuação após a formatura. E por se tratar

de um curso noturno, com valor mais acessível, eu poderia conciliar trabalho e estudo. Assim, a Pedagogia passou a se tornar minha primeira opção de formação.

Eu, aluna da rede estadual de ensino e com pouco conhecimento de como acontecia o ingresso nas universidades públicas, tinha como opção cursar o ensino superior em uma instituição privada, mas no ano de 2009 tive a oportunidade de conhecer a Universidade Federal de Viçosa (UFV) e os cursos ofertados por ela. A partir de então, comecei a pesquisar formas de ingressar na universidade pública, em específico na UFV. Acredito que, por meio do contato e vivência, mesmo que limitada, do espaço acadêmico, houve um agenciamento desejante, e eu, sujeito anônimo, passei a ser praticante de minha história, buscando meios de ingressar naquele mundo, antes tão distante.

Aprovada no vestibular de Pedagogia, no ano de 2010, iniciei o curso no mês de março do referido ano. Devo te contar, Paulo, que as políticas de acesso à universidade também foram um fator muito importante para a realização desse sonho. Ao ingressar na universidade, pude contar com o auxílio alimentação, que garantia minhas principais refeições do dia sem custo algum, além do auxílio moradia, que era pago mensalmente para ajudar a custear minhas despesas de moradia na cidade de Viçosa, pois tive que me mudar para poder estudar.

Ao iniciar o curso de Pedagogia, me deparei com várias disciplinas, às quais ainda não me identificava. Não compreendia como aquilo iria me auxiliar em sala de aula. Porém, uma disciplina em específico ampliou meu olhar sobre o curso e formas de atuar e me fazer professora. O nome desta disciplina era Práticas de Formação Acadêmica, ofertada nos dois primeiros anos da graduação. A partir dela, pude conhecer alguns programas e projetos que eram desenvolvidos na universidade, em específico no Departamento de Educação, e as possíveis áreas de atuação do pedagogo, após a conclusão do curso.

Em uma das visitas aos espaços que eram desenvolvidos estes projetos, tive contato com a Ludoteca, ao estudo da infância e à promoção de atividades lúdicas para crianças das escolas da cidade de Viçosa e região.

Eu te confesso que conhecer a Ludoteca me fez sentir a necessidade de vivenciar aquele espaço, para que minha formação fosse para além das salas de aula e das disciplinas obrigatórias. Logo no primeiro semestre, regresssei à Ludoteca e me ofereci para atuar como voluntária. Durante minha participação, vivenciei e fiz parte de grupos de estudos sobre a infância, elaborei atividades e materiais para trabalhar de forma lúdica com crianças, conheci sobre a atuação do professor como pesquisador, teorizando a realidade e analisando as vivências. Atuei como voluntária na Ludoteca por um semestre.

No segundo semestre do curso de pedagogia, em um dos trabalhos da disciplina mencionada, foi proposta a realização de uma pesquisa e trabalho em grupo sobre algum projeto que era desenvolvido na universidade. O grupo em que eu estava inserida escolheu realizar a pesquisa sobre o Núcleo Interdisciplinar de Estudos de Gênero (NIEG). Durante a minha pesquisa, comecei a frequentar o grupo de estudos realizado por este núcleo e minha participação gerou em mim o desejo de me integrar mais ativamente dos trabalhos realizados por eles, pois me identifiquei com a temática e acredito que a vivência naquele espaço fez

surgir em mim um desejo que pode ser identificado “como um agenciamento, produção. Produção de nova sensibilidade, maneira de existir” (SIMONINI, 2013, p. 519)<sup>3</sup>.

Durante o período que participei do Núcleo, pude vivenciar algo oposto do que até então tinha experienciado. No NIEG, comecei a conhecer um pouco mais sobre estudiosos que trabalham sobre gênero e relações de poder, além de ter a oportunidade de estruturar, produzir material e atuar em um “Curso de Formação para Agentes de Combate às Endemias” e um curso de “Formação dos Profissionais das equipes de Saúde da Família: Introdução ao Trabalho na Atenção Básica à Saúde”, turmas I e II.

O NIEG me oportunizou, também, a elaboração do meu primeiro artigo científico, em conjunto com outros estagiários, voluntários e bolsistas atuantes no núcleo. Além de participação e apresentação de trabalhos em Congressos que abordam o estudo de gênero. Posso dizer que lá me senti produtora de conhecimento, na medida em que pude refletir sobre a realidade imposta muitas vezes às mulheres e identificar questões, como limitar a profissão de professora às mulheres. Posso dizer Freire, que lá começou meu processo de libertação.

Em dezembro de 2010, foi criado no Departamento de Educação, o Programa de Educação Tutorial (PET-EDU), que possuía como temática o “acesso e permanência de estudantes de camadas populares à universidade”. Como era um programa novo, a oferta de bolsas era grande e isso fez com que eu fizesse a inscrição para o processo seletivo de recrutamento de estudantes. Fui aprovada, porém não como bolsista, mas como voluntária. Mesmo assim, comecei a participar do programa, que tinha como finalidade proporcionar aos estudantes do curso de pedagogia, que apresentavam o perfil de estudante carente e com baixa renda, a vivência em um programa que permitiria a atuação em áreas do ensino, da pesquisa e da extensão.

O PET/EDU, além de me proporcionar maior vivência/experiência na área de Ensino, Pesquisa e Extensão, me apresentou estudos dos clássicos da Sociologia e Filosofia, que era algo que até então não tinha acesso. Durante minha participação no PET, tive a oportunidade de ler *A República*, de Platão; *O Príncipe* de Nicolau Maquiavel; *O Capital* de Karl Marx, entre outros.

O estudo de clássicos da literatura e o encontro com os estudos e textos do sociólogo Pierre Bourdieu, me fizeram refletir sobre minha trajetória escolar e sobre a importância de se pensar o caminho a ser trilhado para obter uma trajetória acadêmica de sucesso. Estudante, oriunda de uma família de classe social baixa, com pouco capital cultural adquirido até o ingresso na universidade, comecei a traçar meios para poder trilhar um caminho diferente do que o estudo desse sociólogo me mostrava como certo para meu futuro.

Procurei “táticas” que fizessem com que eu me diferenciasse do restante dos meus colegas de turma. Com isso, busquei realizar um intercâmbio acadêmico. O intercâmbio não era algo muito comum aos estudantes de pedagogia e nem para estudantes que cursavam as áreas das Ciências Humanas. Então, vi nele a oportunidade de adquirir experiência e vivência em uma cultura diferente, aprendizagem de um novo idioma e conhecer o sistema educacional de outro país.

---

<sup>3</sup> SIMONINI, Eduardo Lopes. O desejo dos anjos. *Educação e Filosofia*. Uberlândia, v. 27, n. 54, p. 503 - 524, jul./dez. 2013.

Sobre o intercâmbio, ele aconteceu no ano de 2012, no período de julho a dezembro. Meu intercâmbio foi realizado na Colômbia e posso dizer que foi uma experiência incrível. Lá, percebi o quanto você é reconhecido. Nas disciplinas ofertadas nas licenciaturas, muito se fala sobre você, sobre o que deixou de lições para o mundo todo. Durante meu período na Colômbia, pude valorizar também nossa educação, que apesar de precária, é ofertada de forma gratuita, diferente de lá, onde o ensino superior deve ser pago, o que dificulta ainda mais o acesso de pessoas desfavorecidas economicamente.

Ainda, durante a graduação, vivenciei e fiz parte de vários projetos, alguns ligados à extensão e outros à pesquisa. Nos estágios obrigatórios, encontrei as primeiras dificuldades do magistério. O contato com professoras atuantes e suas críticas ao ensino me fizeram ver que grande parte das professoras pareciam estar ali por falta de opção, mas, mesmo assim, me formei em pedagogia e sou professora hoje, como já disse a você. Durante esses oito anos atuando nas escolas, vivenciei realidades duras. Atuante em escolas periféricas, nem sempre a realidade que estava inserida era favorável ao ensino, seja pela falta de material, indisciplina ou até mesmo por causa de fatos decorrentes das desigualdades sociais existentes em nossa sociedade, como a fome, que dificultava muito o processo de ensino-aprendizagem.

A realidade dos alunos em escolas públicas periféricas é dura de se ver, por mais que tentamos compreender e adentrar a realidade vivenciada por tais, ainda assim, ela se tornava muito distante daquilo que fazia parte do que eu vivenciei e vivencio como ser social. Acredito que o me pôr no lugar deles, por mais que tentasse, era algo que jamais poderia mensurar.

Tive alunos que estavam ali somente para garantir a alimentação básica. Alunos, cujos responsáveis deveriam ter a obrigação de proteger e zelar por eles, se viam muitas vezes desamparados, talvez por falta de tempo dos pais que precisavam trabalhar exaustivamente.

Eu, como professora, imersa naquelas realidades, buscava meios para tornar o processo de aprendizagem o mais prazeroso possível para aqueles alunos que, ainda tão novos, já vivenciavam uma dura realidade. Mostrar aos alunos o poder transformador da educação é algo que prezo muito e isso aprendi com você Freire. Mostrar a eles como a realidade pode ser modificada, como conhecer nossa realidade e dificuldades para assim transformá-la, é algo desafiador, mas que tento fazer diariamente com meus alunos.

Sobre a qualidade do ensino, não tenho lá boas notícias. Estamos vivendo tempos difíceis, com grandes cortes na educação e desvalorização da profissão. A desvalorização se deve tanto pelos baixos salários dos profissionais que atuam na Educação Básica e péssimas condições de trabalho quanto por dificuldades em sala de aula, como indisciplina. A violência tem adentrado as escolas, de forma sorrateira. Ainda podemos presenciar vários acontecimentos de violência por parte de alunos e até mesmo professores.

Ainda hoje, se tem urgência em melhorias na educação, e tal fala sua, se torna atual, mesmo compartilhada há anos atrás, de que:

É urgente que engrossemos as fileiras da luta pela escola pública neste país. Escola pública e popular, eficaz, democrática e alegre com suas professoras e professores bem pagos, bem formados e permanentemente formando-se. Com salários em distância nunca mais astronômica, como hoje, frente aos de presidentes e diretores de estatais (FREIRE,1997, p. 33).

Acredita que em pleno século 21 ainda é comum presenciarmos diversos tipos de discriminação? Seja pela cor da pele ou orientação sexual. Parece até que houve um retrocesso com relação a isto. E nós, professores, muitas vezes nos vemos coagidos quando tentamos abordar alguns temas em nossas aulas.

Posso te falar que os últimos anos foram desafiadores... Passamos por uma pandemia mundial, causada pelo vírus SARS-CoV-02 (Covid 19) nos anos de 2020 e 2021. A pandemia fez com que perdêssemos várias pessoas queridas e milhares de vidas foram interrompidas durante ela. Vimos pessoas jovens, com milhares de planos e sonhos indo embora, idosos e crianças. Foi algo realmente assustador.

Sobre a educação? Durante esse período a educação também teve que se adaptar, assim como toda a sociedade. Tivemos que nos manter isolados de quem amamos, sem poder abraçar, beijar ou ter qualquer tipo de contato durante meses. As salas de aula, cheias de vida, com crianças interagindo umas com as outras, foram trocadas pelas aulas virtuais, nas quais o contato se deu por meio de aparelhos eletrônicos e blocos de atividades. Cada um tentou se adaptar da melhor forma possível para que nossas crianças não tivessem grandes perdas educacionais.

Como educadora, te garanto que tentamos fazer o melhor para nossas crianças, para oferecer uma educação de qualidade e significativa, mesmo em tempos difíceis. Durante esse período, também tivemos em nosso país um governante pouco empático. Passamos por um período em que a veracidade de estudos científicos era questionada. Os investimentos em áreas como saúde e educação foram diminuindo drasticamente. Nossas universidades sofreram e ainda sofrem com a falta de investimentos por parte do Governo Federal que se finda, mas resistimos, firmemente a este período sombrio.

Hoje, no fim do ano de 2022, com a pandemia controlada, estamos tentando nos reerguer. As escolas estão cheias novamente: de vida, de vontade de aprender e de recuperar o tempo perdido. Acredito na chegada de um novo tempo, no qual a educação e seus profissionais recebam o valor necessário. Como disse, “é urgente que o magistério brasileiro seja tratado com dignidade para que possa a sociedade esperar dele que atue com eficácia e exigir tal atuação” (FREIRE, 1997, p. 35). Espero que haja maiores investimentos onde se precisa, como saúde e educação. Tempos de menos intolerância e maior amor ao próximo, onde se possa respeitar o outro, suas escolhas, suas características e modos de viver.

Como você mesmo diz, é preciso que tenhamos esclarecimento sobre a necessidade de uma luta política, por busca de melhorias para nossa população,

[...] a necessidade de esclarecer a opinião pública sobre a situação do magistério em todo o país. A necessidade de comparar os salários de diferentes profissionais e a disparidade entre eles. É bem verdade que a educação não é a alavanca da transformação social, mas sem ela essa transformação não se dá (FREIRE, 1997, p. 35).

Desejo firmemente que haja melhoria das condições de trabalho do magistério, melhor reconhecimento do poder transformador dos professores e valorização da profissão, pois, assim como você, concordo que há urgência em se tratar o magistério com dignidade. E termino esta carta reforçando suas palavras de que “nenhuma sociedade se afirma sem o

aprimoramento de sua cultura, da ciência, da pesquisa, da tecnologia, do ensino” (FREIRE, 1997, p. 36).

Despeço-me assim,  
Fernanda Marques da Silva.